Anagrama Revista beta

The British Monarchy: a Família Real e a Aldeia Global

Frederico Zanatta[1]

Resumo

Este artigo tem por objetivo discorrer sobre a página da Família Real Britânica no Facebook, denominada "The British Monarchy", comprovando o interesse público, comentando sua aplicabilidade em relação aos estudos de Marshall McLuhan e demonstrando as possibilidades, apesar de limitadas, de interação dos internautas em tal rede social com uma das casas reais mais tradicionais do Velho Continente.

Palavras-chave: *British Monarchy; Família Real; Facebook; McLuhan.*

Em 8 de novembro de 2010 o Facebook ganhou uma página que, embora estivesse em fase de teste há alguns meses, era, só então, oficializada pelo Palácio de Buckingham. Intitulada "The British Monarchy", tal página tinha como intuito não apenas possibilitar que a Família Real entrasse nas novas mídias digitais, mas também permitir que os súditos (e, claro, também os não-súditos) participassem da vida da Família Windsor-Wales, disponibilizando um *feed* de notícias, fotos, vídeos e a agenda oficial da Rainha e de seus parentes.

A pompa e o requinte que a Monarquia Britânica sustenta ainda hoje podem ser alvos de inúmeras críticas quanto à sua suposta defasagem, quanto aos gastos que representam aos cofres públicos e, até mesmo, quanto à sua ineficiência governamental, já que se trata de uma Monarquia Parlamentarista, na qual o poder monárquico não governa,

[1]Graduando em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

apenas reina. No entanto, é fato que sua imagem ainda movimenta inúmeros campos dos sentidos imagético e representativo de pessoas de todo o mundo. Não é a toa que tal página conta hoje com mais de 500 mil seguidores, ou melhor, mais de 500 mil "*likes*". Não é também por acaso que a Monarquia possua contas de grande visitação também no Flickr, no Twitter e no YouTube. Isso, como fato, já explicita o que Rüdiger afirma: "...a comunicação (...) trata-se de um processo social dinâmico e ativo que, via máquina (grifos meus) no entanto, pode criar uma forma superior de interação entre os seres humanos." (Rüdiger, 2011: 117)

A Família Real também empresta seus integrantes a inúmeras reportagens sensacionalistas dos infames jornais tablóides britânicos. Tais publicações nunca deixaram de importunar a Monarquia, como nos exemplos que seguem: a infame fantasia de soldado nazista usada pelo príncipe Harry em uma festa em 2005, a infidelidade de Charles durante seu primeiro casamento, a pressão e as especulações sobre os distúrbios alimentares de Kate Middleton e, mais recentemente, de sua suposta gravidez (que, segundo uns dizem, recebe a torcida de William, marido de Kate e Duque de Cambridge, para que seja uma menina), as férias escolares dos príncipes em estações de ski e em paraísos tropicais, as denúncias a respeito da trama de Sarah Ferguson e, lógico, o fatídico acidente de Diana em 1997 e as especulações sobre sua suposta gravidez e sobre planos secretos da Família Real de assassiná-la.

Além dos escândalos e especulações, a Família Real movimenta a economia britânica através do turismo e desperta o interesse das mídias por suas biografias. Em 2007, Helen Mirren ganhou o Oscar de melhor atriz como protagonista do filme "A Rainha", dirigido por Stephen Fears. Já em 2011, foi a vez de "O discurso do rei" levar quatro estatuetas: melhor filme, melhor roteiro original, melhor diretor (Tom Hooper) e melhor ator (Colin Firth, representando o rei George VI).

Ainda em setembro deste ano, o *Guinness Book* publicou dados que confirmam que mais de 72 milhões de pessoas assistiram, pela internet, ao casamento do Príncipe William com Kate Middleton. Fora os cerca de 2 bilhões de pessoas que o próprio governo britânico estima que tenham acompanhado o enlace pela televisão, segundo o portal de notícias R7.

Tais números, dados e seguidores em redes sociais comprovam por si a importância e a relevância do assunto, além do poder de influência da Monarquia. Algo que McLuhan já escrevera na década de 1960. Para o teórico, seguir alguém representa

creditar na racionalidade e no sentido desse alguém: "'Eu não o sigo' significa 'Eu não acho que o que você está dizendo é racional.'" [2] (McLuhan e Fiore, 1967: 45)

O Império britânico deixou há muito tempo de ser um reino para poucos súditos. Também já não é mais tão poderoso e influente como já foi um dia. No entanto, suas inserções no espaço midiático digital possibilitaram nova configuração à sua existência, talvez, eliminando alguns dos muros que ainda hoje cercam não somente seus palácios, como Buckingham, Windsor, Balmoral e Kensington, mas seus muros como instituição de Realeza.

> O nosso mundo é o mundo em que tudo acontece ao mesmo tempo. O tempo cessou e o espaço desapareceu. Agora nós vivemos em uma aldeia global (grifo do editor)… das coisas acontecendo simultaneamente. Voltamos ao espaço acústico. Começamos novamente a estruturar o sentimento primordial, as emoções tribais das quais, alguns séculos de cultura letrada nos fez divorciar-nos[3] (McLuhan e Fiore, 1967: 63).

Quem de nossos antepassados poderia ter previsto uma Monarquia poderosa utilizando-se de uma página em uma rede social, *on line*, para prestar seus serviços de comunicação? Quantos poderiam ter sonhado com súditos participantes, mesmo que somente através das opções "curtir", "comentar" ou "compartilhar" disponíveis? Quem pensaria que a Rainha, cuja mão direita só pode ser tocada durante um cumprimento se ela assim autorizar (caso contrário, o cumprimento não pode envolver contato físico), se submeteria ao "thumbs up" do sinal de "Curtir" de uma rede social on line?

Fato é que a escolha do meio para esse contato direto com a Monarquia, no caso analisado do Facebook, não é acaso: "...a própria forma de qualquer meio de comunicação é tão importante quanto qualquer coisa que ele transmita" (McLuhan, 1990: 143) E embora ele apresente como oportunidade de interação apenas as três opções supracitadas, elas já se prestam como interação válida: "A comunicação é comunicação em toda a linha." (idem: 152)

[2] "'I don't follow you' means 'I don't think what you're saying is rational.'"
[3] "Ours is a brand-new world of allatonceness. 'Time' has ceased, 'space' has vanished. We now live in a global village (grifo do editor)… a simultaneous happening. We are back in acoustic space. We have begun again to structure the primordial feeling, the tribal emotions from which a few century of literacy divorced us."

McLuhan e a comunidade "facebookiana"

O valor que o filósofo Marshall McLuhan atribuía às possibilidades do meio como veículo de mensagens faz parte da compreensão da estratégia da Monarquia Britânica em manter seus perfis de acesso nas grandes redes sociais. Em estimulando a cognição dos internautas, a Monarquia atinge, através da internet, áreas da vida cultural dessas pessoas. De modo que essa nova situação, de convívio público e comunitário na grande rede, provoca uma nova mudança cognitiva, pelo menos, quanto às noções temporais e espaciais: "... qualquer inovação nos meios externos de comunicação trazem no seu rastro choque sobre choque de mudança social." (McLuhan, 1990: 150)

A página "The British Monarchy" é capaz de superar as distâncias, tanto físicas, quanto psicológicas e sociais, quanto servir de memória para os arquivos imagéticos e noticiosos da Família Real: "O armazenamento em memória digital é uma potencialização..." (Lévy, 1996: 40) Assim sendo, ela estimula possibilidades da cognição e da percepção das pessoas e se assume como "Comunidade" em que perfis individuais, de contas e de senhas individuais, gozam, em conjunto, de sua inserção nos eventos e realizações diárias da Rainha, dos Príncipes e das Princesas. Em grupo, essa é a nova possibilidade que as redes sociais oferecem de agrupar indivíduos interessados em um assunto (aqueles que clicam sobre a opção "curtir"), independentemente de quaisquer distinções de gênero ou idade.

> ... Em um ambiente de informação eletrônica (...) muitas pessoas sabem demais sobre os demais. Nosso novo ambiente nos força ao comprometimento e à participação. Irrevogavelmente, nos tornamos envolvidos com e responsáveis uns pelos outros [4](McLuhan e Fiore, 1967: 24)

A exemplo das pesquisas de McLuhan sobre objetos que podem se tornar extensões da capacidade e do corpo humanos, a respeito dos meios de comunicação de massa, Rüdiger explica: "A comunicação eletrônica está estendendo o nosso sistema nervoso central de maneira global, interrelacionando todas as experiências humanas instantaneamente." (Rüdiger, 2011: 120)

A página da Monarquia se propõe como assessoria, sendo responsável por canalizar os fluxos de informações referentes aos membros da Família Real. Em seu

[4] "... In an electric information environment (...) too many people know too much about each other. Our new environment compels commitment and participation. We have become irrevocably involved with, and responsible for, each other"

"Mural", o membros integrantes têm acesso à agenda oficial da realeza no dia seguinte (sendo algumas vezes, literalmente, convidado a participar de algum evento). Veja o exemplo:

> Amanhã ao meio dia, a Rainha irá receber o Presidente da Turquia ao Reino Unido durante a Parada da Cavalaria, em Londres. A cerimônia colorida envolve cavalos e carruagens da Cavalaria Real e soldados da Infantaria. Que tal acompanhar e assistir à Parada? (tradução de : "Tomorrow at midday The Queen will welcome the President of Turkey to the UK on Horseguards Parade in London. The colourful ceremony involves horses and carriages from the Royal Mews and soldiers from the Foot Guards. Why not come along and watch?") (The British Monarchy, em 21 de novembro)

Os integrantes da página têm também acesso ao *feed* de notícias, em que as novidades e os eventos passados são postados, respeitando a sua ordem cronológica. As atualizações possuem as opções "curtir", "comentar" e "compartilhar", além de exibir a quantidade de pessoas que clicaram, acionando tais funções, e o link para migração a uma outra página válida na internet. As atualizações podem possuir também imagens (diretamente conectadas ao acervo de fotografias da página), vídeos (que estão conectados a uma conta oficial no YouTube) ou até mesmo logotipos de campanhas ou de eventos em que a Monarquia esteja envolvida.

Em sua seção de "Informações", a página possui os links dos sites oficiais da realeza além dos seus endereços no YouTube, Twitter e Flickr, sustentando-se em uma forma multimodal: "O método do nosso tempo é usar não um, mas modelos múltiplos de exploração." [5](McLuhan e Fiore, 1967: 69) Já em "atividades dos Amigos", o internauta cujos amigos também curtiram a página fica sabendo as interações de seus amigos com a mesma: "...o hipertexto digital seria portanto definido como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e 'intuitiva'." (Lévy, 1996: 44)

A seção reservada ao YouTube traz um acervo das atividades recentes dos "royals", além de vídeos institucionais a respeito dos castelos pertencentes à família e de seus acervos e peças em exposição. Já entre os álbuns de fotografias, constam alguns específicos dos membros (Philip, Charles, Harry e William possuem seus próprios álbuns), bem como as viagens oficiais realizadas pela rainha a alguns dos países pertencentes ao "Commomwealth" Britânico (como Austrália, Canadá, Nova Zelândia e Jamaica), álbuns

[5] "The method of our time is to use not a single but multiple models for exploitation."

mensais com as fotos da agenda oficial, dos jantares e condecorações promovidos e álbuns dos eventos em que chefes de Estados são recebidos no Reino Unido.

O meio virtual E a mensagem real

Diferentemente dos tempos em que os governos se comunicavam com o povo através de tábuas publicadas com os códigos legais e dos períodos em que os cidadãos iam à praça pública discutir política, a presença da Monarquia Britânica no Facebook cria uma situação em que a própria internet ou, até mesmo, a rede social como meio, se torna, por conseqüência, a mensagem em si. Como estabelece McLuhan: "Pois a 'mensagem' de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas." (McLuhan, 1979: 22)

Segundo McLuhan, a grande falha que se pode fazer a respeito dos meios de comunicação passa pela percepção de que muitos são os fenômenos que deixam de ser considerados comunicacionais porque não possuem, segundo ele, "conteúdo". Entender a função social da página "The Birtish Monarchy" deve levar em conta: "...não apenas o 'conteúdo', mas o próprio meio e a matriz cultural em que um meio ou veículo específico atua". (McLuhan, 1979: 25)

Ou seja, compreender essa análise da relação da Monarquia com as redes sociais depende do entendimento da ligação que existe entre a Família Real e seus súditos e, principalmente, da relação desse povo com as suas tradições (dentre as quais pode-se mencionar a pontualidade, por exemplo). McLuhan cita, coincidentemente, em "Os meios de comunicação como extensão do homem" algo a respeito da cultura inglesa:

> "Na Inglaterra, contudo, era tal a força das antigas tradições orais do direito costumeiro, estribadas na instituição medieval do Parlamento, que nenhuma uniformidade ou continuidade da nova cultura impressa e visual poderia vir a prevalecer completamente" (McLuhan, 1979: 29)

Notamos, então, como também a cultura do visual passa a ser importante para as tradições britânicas, no que diz respeito a criar um canal, um modo e, por que não, um meio, que satisfizesse às necessidades de se recriar a apreciação estética de um povo, seja através da imagem (as notícias e as fotografias) e do som (pelos vídeos), de transmitir as mensagens de uma Realeza, talvez um pouco distante por causa de seu protocolo, aos seus

súditos (e, por conseguinte, a todos os demais indivíduos que, mesmo de outras nacionalidades, estivessem interessados no assunto).

O que McLuhan define como conflito entre o imagético e o sonoro deve ser, segundo ele, resolvido pelo entendimento dos meios: "...podemos moderar a rudeza desse conflito pela compreensão dos meios que nos prolongam..." (McLuhan, 1979, p.31), o que, com a realidade atual, nos faz concluir a internet como extensão e potencialização de nossas capacidades humanas. É como se a Monarquia se aproveitasse das ferramentas do Facebook e, de modo mais abrangente, da internet, para resgatar as habilidades auditivas, visuais e escritas dos internautas, reunindo isso tudo no campo de sua memória e documentação.

Essa re-integração das habilidades humanas através dos multimeios foi explorada, como logo no início do texto mencionamos, no casamento do Príncipe William com Kate Middleton, que passou a se chamar Catherine após o enlace. A cerimônia foi pensada e planejada para transmissão ao vivo para todo o mundo, inclusive através da internet (é possível ver fotos e assistir na integra à cerimônia). Vale a reflexão de Umberto Eco que, em seu texto clássico sobre o novo formato da televisão naquilo que ele classifica como irrealidade cotidiana, fazia comparações entre o casamento de Grace Kelly com Rainier de Mônaco, celebração não pensada para ser televisionada, e o de Diana Spencer com Charles, vinte e cinco anos depois, para o qual, de acordo com ele "Nada podia ser confiado ao acaso, tudo era dominado pela transmissão da tevê." (Eco, 1984: 199)

Que questões levantaria o escritor italiano a respeito da boda totalmente pensada e ensaiada para ser transmitida, não somente pela televisão, mas também pela internet? Ou melhor, a que conclusões Eco chegaria sobre uma cerimônia pensada para ser acessada?

Eco relata sobre o "Royal Wedding" de 1981: "Estava absolutamente claro que absolutamente tudo o que acontecia de Buckingham Palace até a Catedral de Saint Paul fora ensaiado para a televisão." Se trocássemos o nome da catedral para Westmister Abbey e adicionássemos, logo no final da frase, as palavras "mas, principalmente, para a internet", teríamos uma perfeita adaptação dos dizeres de Eco para o casamento real de 2011.

A saída do lobby do hotel Goring, em que Kate Middleton se hospedava na véspera, fora totalmente coberta para evitar que qualquer pessoa pudesse tirar e publicar pela internet fotos tiradas com suas câmeras e celulares da noiva em seu vestido secreto (sendo segredo, até então, inclusive quem o desenhara). Vestido esse pensado de modo mais simples que o de Diana, para evitar qualquer confusão de personalidade entre as

recém-chegadas à Família Real. E mais simples, também, pelo que Eco retrata: "E o vestido da noiva (Diana), que tanto transtorno deu ao noivo (Charles) quando não sabia como levantá-lo para que a noiva sentasse" (Eco, 1984: 198) Também o detalhe do penteado não deixou de ser notado: diferente de Diana, que se escondia por trás de sua franja, Kate se mostrava mais confiante de si, conforme revela: "O William tem sorte de sair comigo", frase atribuída à inglesa durante os tempos em que ainda namorava, pelo portal de notícias R7.

A insuficiência e as críticas ao meio

Compreender a atuação dos meios de comunicação, no caso, a atuação das redes sociais junto à população depende da compreensão prévia da ausência da mera casualidade entre a mensagem que se veicula através do meio e os efeitos alcançados, uma vez que "a força plasmadora dos meios são os próprios meios". (McLuhan, 1979: 36)

A principal crítica que se pode fazer ao modelo analisado é quanto às possibilidades efetivas que o internauta teria de participar, opinar e construir um diálogo com a Monarquia a quem ele decide acompanhar através da rede social.

Se, conforme declara Pierre Lévy, "O computador é (...) um operador de potencialização da informação", alguns questionamentos a respeito do alcance do meio ainda podem ser levantados: Quanto de tudo o que acontece dentro dos castelos e palácios acaba se tornando, de fato, público? Quantas das publicações recebem um número de "curtir" e de "comentários" suficientes para o propósito da página? E o mais importante no quesito recepção pública: quantos dos comentários refletem as reivindicações e são considerados e repassados à autoridade competente?

Logo na página inicial, o internauta é avisado de que nem tudo, exatamente, o que ele publicar será mantido conforme. O comentário que for encarado como ofensivo será deletado, diz a página ("Please note that any offensive comments will be deleted"). Supondo o internauta que fizer uma crítica cabível e de modo respeitoso: seria esse comentário uma ofensa? O controle da participação dos internautas se faz pelo próprio meio, pela própria censura e ocultação daquilo que a Instituição não julga estar de acordo com os padrões de sua aceitação: "...porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas". (McLuhan, 1979: 23)

À medida que "The British Monarchy" suscita o diálogo, deve se analisar o quanto ela é eficaz em mantê-lo. Como aponta McLuhan, a maneira ineficaz de fazê-lo (e, segundo ele, é a escolha ineficaz a que os governos acabam escolhendo) é aproveitar-se da força criativa e engajada das pessoas dando, em troca, algo que não corresponde a isso: "Hoje, a audiência de massa (a sucessora do que consideramos 'público') pode ser usada como uma força criativa, participativa. No entanto, a ela são simplesmente dados pacotes de entretenimento passivo." [6](McLuhan e Fiore, 1967: 22) Também em outro momento declara: "É certo, porém que os chamados meios de massa não são necessariamente predestinados a serem apenas canais de diversão popular." (McLuhan, 1990: 150)

Apesar dos esforços e das possibilidades que se apresentam nesse novo horizonte, o agrupamento e a disponibilidade de novas informações, por si só, não representam que isso efetivamente atinja os internautas. Se democraticamente esses dados apresentam-se disponíveis, isso não significa que a chegada às pessoas seja democrática, efetiva e satisfatória.

Conclusão: o *darshan* indiano

A Revolução Industrial do século XIX e a colonização de países ajudaram a espalhar os produtos do mercado britânico, sua cultura e a sua tradição pelo mundo, seja de modo direto ou indireto. No entanto, se antes a influência se estabelecia pela relação fundamentalmente econômica entre metrópole e colônias, o estudo do caso aqui proposto do "The British Monarchy" demonstra novas formas de aproximação.

> Passamos hoje da produção de mercadorias empacotadas para o empacotamento a informação. Anteriormente, invadíamos os mercados estrangeiros com utilidades. Hoje invadimos culturas inteiras com informação acondicionada, diversão e ideias. (McLuhan, 1990: 145)

A oportunidade ou, pelo menos, a sensação de participação que a página no Facebook propicia aos internautas seria como a versão virtual do que McLuhan em "Visão, som e fúria" relata sobre o acontecimento do *darshan*, tradição indiana, "que consideram ocorrer quando estão reunidos em massa em presença de uma manifestação visível de sua

[6] "Today, the mass audience (the successor to the 'public') can be used as a creative, participating force. It is, instead, merely given packages of passive entertainment."

vida coletiva." (McLuhan, 1990: 151) A coletividade da sensação de "viver dentro do reino" é o que, de certa forma, se atinge navegando e se atualizando pela página.

Embora se possam criticar as limitações desse modelo, vale destacar como a leitura e a navegação dentro dele não são fenômenos herméticos produzindo, logo, possibilidades distintas e as leituras "inacabadas" além daquelas que os moderadores da página estipulam:

> ...não é mais a unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si mesmo, construção sempre a refazer, inacabada. Não é mais o sentido do texto que nos ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento.... (Lévy, 1996: 36)

É certo que os responsáveis pelos textos e uploads das fotos da conta oficial de Sua Majestade, a Rainha, no Facebook buscam traçar os planos de leitura que cada internauta deverá fazer através dessa página. No entanto, as possibilidades de ligação com demais sites e outros hipertextos na internet tornam mais difíceis quaisquer tentativas de se traçar previamente todas as possibilidades de navegação que ela poderia oferecer, pois a leitura se constrói, principalmente, no momento da navegação, não na sua elaboração, como demonstra Lévy:

> É como se a digitalização estabelecesse uma espécie de imenso plano semântico, acessível em todo lugar, e que todos pudessem ajudar a produzir, a dobrar diversamente, a retomar, a modificar, a dobrar de novo... .(Lévy, 1996: 49)

E não apenas o ciberespaço seria o responsável por criar novas e potencializar as possibilidades de leitura, mas também o indivíduo navegador da rede social não deve ser compreendido como ente passivo dela: "A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita" (Lévy, 1996: 46), ou seja, um processo de ação participativa. O internauta escolhe "curtir" a página e decide se irá migrar para os demais websites que ela lhe oferece. E suas opções de como e por onde navegar acabam sendo potencializadas pelo próprio conteúdo: "Não me interesso mais pelo que pensou um autor inencontrável, peço ao texto para me fazer pensar, aqui e agora. A virtualidade do texto alimenta minha inteligência em ato." (Lévy, 1996: 49)

Rede social e internauta dividem com o moderador as responsabilidades pela leitura do conteúdo disponível, sendo certo que dividem também a construção do leque de possibilidades que a internet oferece nessa rede social: "O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito..." (LÉVY, 1996: 40) De modo que essa página se

sustenta, principalmente, sobre dois aspectos primordiais: no interesse do "súdito" em saber o que se passa com a Realeza e nas intenções dessa em se divulgar de modo institucional e oficial no meio em que os súditos transitam.

As previsões de McLuhan e de seus discípulos demonstram-se cada vez mais concretas e possíveis, apesar dos obstáculos e entraves. Podemos, a qualquer hora, acessar a página "The British Monarchy" e estaremos em contato global com tudo aquilo que a Monarquia Britânica decide dividir, grupalmente, com os demais.

Só que essa Coroa tem uma outra face. Apesar do avanço, a "aldeia global" ainda encontra-se distante do compartilhamento aberto com a Monarquia, como gostariam, efetivamente, seus súditos e, principalmente, os cidadãos descontentes com tal regime de governo. (Estudo embasado no "Índice de Qualidade de Vida", feito pelo site uSwitch.com e publicado, em novembro, pelo The Guardian on Facebook, intitulado "Want to be happy? Don't live in the UK" – Quer ser feliz? Não more no Reino Unido- retrata o Reino Unido, juntamente com a Irlanda, como o pior lugar para se viver na Europa, por causa de suas condições climáticas, baixo número de feriados, baixas taxas de expectativa de vida, baixa porcentagem de seu Produto Interno Bruto direcionada à Saúde e à Educação, tudo isso em relação as números apresentados pelos demais países europeus cotejados).

O que resta à essa nossa aldeia é esperar que a comunicação seja efetivamente capaz e responsável de transportar consigo as modificações que a Humanidade espera e de que necessita. A Coroa continua e, provavelmente, continuará na cabeça de poucos, mas digitalmente os súditos garantem cada vez mais seu direito de exibir suas Caras.

> Entretanto, a humanidade possui excelentes motivos para rejubilar-se. Encontramo-nos agora em meio a uma formidável metamorfose cultural, produzida pelo surgimento da comunicação eletrônica, através da qual podemos nos permitir um regresso à oralidade, conseguir a superação das fronteiras políticas e, enfim, a instantaneidade na transmissão e a democratização dos conhecimentos. (McLuhan, 1968, APUD. Rüdiger, 2011: 123)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, Umberto. "Tevê: a transparência perdida" In. **Viagem na irrealidade cotidiana**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LÉVY, Pierre. "A virtualização do texto" In. **O que é virtual?**, Rio de Janeiro: 34, 1996.

McLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. **The Medium is the Massage:** An Inventory of Effects, Londres, Nova York e Toronto: Bantam Books, 1967.

McLUHAN, Marshall. "O meio é a mensagem" In. **Os meios de comunicação como extensões do homem,** tradução: Décio Pignatari, 5ª edição, São Paulo: Cultrix, 1979.

McLUHAN, Marshall. "Visão, som e fúria" In. **Teoria da Cultura de Massa,** 1990.

RÜDIGER, Francisco. "Wiener, McLuhan e herdeiros: o paradigma midiológico" In. **As Teorias da Comunicação,** Porto Alegre: Penso, 2011.

Consultas à internet (com data e horário):

http://www.facebook.com/TheBritishMonarchy (Acessado em outubro e novembro de 2011)

http://olhardigital.uol.com.br/jovem/redes_sociais/o-facebook-e-a-realeza-rainha-elizabeth-ii-lanca-pagina-na-rede-social (Acessado em 01/10/2011)

http://www.bbc.co.uk/news/uk-11704599 (Acessado em 01/10/2011)

http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/casamento-real-britanico-bate-recorde-na-internet-diz-guinness.html (Acessado em 03/10/2011)

http://noticias.r7.com/internacional/noticias/casamento-real-deve-ser-visto-por-2-bilhoes-de-pessoas-na-tv-20110406.html (Acessado em 03/10/2011)

http://noticias.r7.com/internacional/noticias/kate-tem-o-perfil-da-princesa-dos-tempos-modernos-20120419.html (Acessado em 06/10/2011)

http://www.youtube.com/watch?v=schQZY3QjCw&feature=youtube_gdata (Acessado em 02/10/2011)

http://www.royal.gov.uk (Acessado em outubro e novembro de 2011)

http://www.youtube.com/TheRoyalChannel (Acessado em outubro e novembro de 2011)

http://apps.facebook.com/theguardian/money/2010/sep/22/happy-dont-live-uk?fb_ref=U-dYd_c4wkP5Ey4DrLIy46Qo-CFCONX02FBS-2jph8XXX&fb_source=home_oneline&code=AQC4P57SwXssgYy0E3Dy5h6DfvEPM0-dnzGCLDl9Dc-7TVIbw_dnimGn98LYrPxCP3_YemvtB1rmafV3k_QdBEjWXplkd01is6AWddKIAIP61FVOgCj4lCm_VpUVSNzjPphvF55VxBG6PhQQkMWrtnQRH6zGqMc-FMqqvan8Bh0PG31RLZBqpNbFKlNKkkzIEuk#_=_ (Acessado em 23/11/2011)